ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: REFLEXÕES TEÓRICAS E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Maria Aparecida do Nascimento Leite[1]
Universidade Federal de Campina Grande-UFCG- Cajazeiras, PB, Brasil,
cidaleitecidaleite2002@gmail.com
Hellen Cawany Ferreira Leite[2]
Universidade Federal de Campina Grande-UFCG - Cajazeiras, PB, Brasil,
hellencawany26@gmail.com
Márcia dos Santos Paulino[3]
Universidade Federal de Campina Grande-UFCG - Cajazeiras, PB, Brasil,
marciasanttos664@gmail.com
Rozilene Lopes de Sousa Alves
Universidade Federal de Campina Grande-UFCG - Cajazeiras, PB, Brasil,
rozileneuacc@gmail.com

RESUMO

O processo de alfabetização e letramento constituem em dimensões essenciais para a intervenção pedagógica, pois possibilitam o desenvolvimento de uma aprendizagem contínua e significativa. Sob está perspectiva, para a fundamentação deste trabalho, temos como objetivo discutir a relevância de compreender tais processos de maneira integrada, destacando suas inter-relações e distinções na prática educativa. Logo, está pesquisa fundamenta-se nas contribuições de diferentes teóricos, cujas reflexões ofereceram suporte para a compreensão da importância do alfabetizar e letrar na construção autônoma e integrada do sujeito, desse modo, buscamos utilizar contribuições de pensadores estimados, tais como: Paulo Freire, que defende a alfabetização como dimensão crítica e social; Magda Soares, distingue alfabetização e letramento; Piaget, discute sobre a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo; e Emília Ferreiro e Ana Teberosky, mostram a relevância da escrita na infância. As concepções desses autores, possibilitaram o alicerce teórico necessário para análise e reflexão da temática proposta nesta pesquisa. Conclui-se, que essas práticas são essenciais para promover a inclusão social e estimular a formação do pensamento crítico.

Palavras-chave: Alfabetização. Aprendizagem. Letramento.

INTRODUÇÃO

A alfabetização constitui um dos pilares da formação escolar, especialmente nos anos iniciais, por possibilitar à criança o acesso à leitura e à escrita como instrumentos fundamentais para a construção do conhecimento e para sua inserção social. Entretanto, compreender esse processo apenas como domínio técnico do sistema alfabético revela-se insuficiente diante das demandas educacionais contemporâneas. Torna-se necessário considerar que aprender a ler e escrever envolve também compreender os usos sociais da linguagem escrita, ampliando o sentido da alfabetização para além da decodificação.

Nesse contexto, a escola assume papel central no processo de desenvolvimento humano. Conforme destaca Shimazaki (2011), trata-se de um espaço socialmente organizado para a sistematização do conhecimento historicamente produzido pela humanidade. É nesse ambiente que o ensino ocorre de maneira intencional, possibilitando ao educando apropriar-se do conhecimento científico. Nessa perspectiva, a instituição escolar não apenas transmite conteúdos, mas cria condições para que os alunos avancem em suas aprendizagens, ampliando seus saberes e experiências.

De modo complementar, Vygotsky (1989) ressalta que a escola exerce a função de transformar os conceitos espontâneos, construídos nas vivências cotidianas dos educandos, em conceitos científicos, elaborados de forma sistematizada. Assim, o ambiente escolar favorece a mediação entre o conhecimento prévio da criança e os conteúdos formais, promovendo avanços em seu desenvolvimento cognitivo. Essa articulação torna-se especialmente relevante no processo de alfabetização, em que a mediação pedagógica contribui para a construção do sistema de escrita.

Diante dessas reflexões, surge o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a articulação entre a aprendizagem do sistema alfabético e as práticas sociais de leitura e escrita, mediadas no contexto escolar, pode contribuir para o processo de alfabetização da criança? A relevância deste estudo fundamenta-se na necessidade de compreender a alfabetização como um processo que integra aspectos técnicos e sociais da linguagem escrita, favorecendo uma aprendizagem significativa.

Metodologicamente, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza bibliográfica, baseada na análise de produções teóricas que discutem alfabetização, desenvolvimento da aprendizagem e o papel da escola na construção do conhecimento.

Assim, o objetivo geral deste artigo é analisar a importância da integração entre alfabetização e práticas sociais de leitura e escrita no contexto escolar, buscando compreender como a mediação pedagógica contribui para a apropriação do sistema alfabético e para o desenvolvimento da aprendizagem.

CONCEITUANDO: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A alfabetização e letramento, embora estejam ligados ao processo de aprendizagem, possuem significados distintos. O termo “letramento” se trata de uma palavra e/ou conceito inserido na linguagem do campo da educação e das ciências linguísticas há menos de duas décadas. O surgimento dessa palavra ocorre devido à necessidade de representar e denominar ações, comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que excedem o simples domínio do sistema alfabético e ortográfico (Soares, 2004).

Dessa maneira, o letramento representa uma unção entre situações sociais e a capacidade de leitura e escrita que envolvem um processo de compreensão, interpretação e leitura de mundo. Em consonância, (Freire, 1981) destaca que o processo de leitura começa antes mesmo de adentrar na escola e que ela não é limitada à decodificação da palavra escrita e muito menos da linguagem escrita, mas que ela se alarga nas vivências e nas experiências com o mundo. Ainda de acordo com o autor

> A leitura do mundo, antecede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa p rescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e o contexto (Freire, 1981, p.9).

Por conseguinte, Freire também aponta que o ato de ler se alarga de acordo com a experiência existencial, este precedido primeiramente pela leitura do mundo (tudo que se vê e se ouve) e posteriormente pela leitura da palavra (decodificação). O autor, em sua obra, faz uma referência a esses dois processos de leitura, no qual ele cita algumas de suas vivências para retratar sua leitura de mundo da seguinte maneira:

> A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço - o sítio avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo com o mundo de minhas primeiras leituras. Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto – em cuja percepção rio experimentava e, quando mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no mu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais (Freire, 1981, p.9).

Nesse trecho de sua obra, Paulo Freire evidencia que a leitura se constitui, primeiramente, a partir das experiências vividas no cotidiano, e não apenas do contato com as letras. O autor demonstra que, desde a infância, o convívio com a natureza, os animais, as pessoas e a cultura contribuíram para uma compreensão mais ampla do mundo, fundamentada na observação e na vivência. Sons, cores, cheiros e relações sociais passam a funcionar como verdadeiros textos, palavras e letras, que ensinaram e atribuíram significado à sua realidade. Desse modo, Freire ressalta que a leitura da palavra somente adquire pleno sentido quando articulada à leitura do mundo, possibilitando uma compreensão crítica e consciente da realidade.

No que se refere à leitura da palavra, percebe-se que ela está diretamente relacionada ao processo de escolarização. Isso pode ser constatado quando o autor utiliza a expressão "palavramundo", referindo-se a uma escrita ainda não segmentada, semelhante àquela produzida por uma criança em processo de alfabetização. Essa escolha linguística reforça a ideia de que a aquisição da leitura envolve, inicialmente, a decodificação das palavras e o contato com a linguagem escrita, os quais passam a ganhar significado à medida que se articulam com a compreensão do mundo já vivenciada pelo sujeito. Pode-se ainda notar que a "palavramundo" reflete articulação entre palavra (escrita) e mundo (experiência de vida).

No que diz respeito à alfabetização, refere-se ao processo de aprendizagem do sistema convencional da escrita, envolvendo a apropriação das letras, dos sons, das regras ortográficas e das relações entre fonemas e grafemas. Tradicionalmente, esse processo associou-se à capacidade de codificar e decodificar a língua escrita, permitindo que o sujeito leia e escreva (Soares, 2004).

Entretanto, Magda Soares critica essa compreensão restrita desse conceito, uma vez que a alfabetização passou a ser entendida apenas como uma habilidade técnica. Tal visão mostra-se insuficiente diante das demandas da vida social contemporânea, cada vez mais mediada pela escrita. Por essa razão, a autora defende que alfabetizar vai além de ensinar a ler e escrever, devendo possibilitar ao indivíduo a compreensão e o uso significativo da língua escrita em diferentes contextos sociais (Soares, 2004).

Em síntese, a alfabetização e o letramento, embora distintos, são processos indissociáveis e interdependentes. A alfabetização, entendida como a aprendizagem do sistema de escrita, só adquire sentido quando articulada às práticas sociais de leitura e escrita, próprias do letramento. Da mesma forma, o letramento depende do domínio do sistema escrito para se concretizar. Assim, a aprendizagem da língua escrita deve integrar ambos os processos, garantindo uma formação que seja, ao mesmo tempo, técnica e socialmente significativa.

REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DA GÊNESE DO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO SISTEMA ALFABÉTICO PELA CRIANÇA

Em sua obra, Freire (2001) afirma que a “leitura do mundo antecede a leitura da palavra”, ou seja, o letramento antecede a alfabetização, no qual o processo de aprendizagem não se limita apenas à decodificação de letras e palavras, mas sim à compreensão do mundo. Com isso, pode-se perceber que o ato de ler não se inicia exata e especificamente na escola e ele não se limita apenas a ela, mas que essa ação começa a se concretizar desde o dia em que damos o nosso primeiro chute na barriga das nossas mães até os nossos últimos dias de vida.

Para Piaget (1999), existe uma diferença entre o desenvolvimento e a aprendizagem, no qual o desenvolvimento diz respeito à totalidade das estruturas do conhecimento do indivíduo, e a aprendizagem como o conhecimento novo e específico derivado do meio. Logo, Piaget afirma que o desenvolvimento é a base para as novas experiências de aprendizagem, enfatizando que cada aprendizagem ocorre em função do desenvolvimento. Portanto, pode-se concluir que o desenvolvimento é o processo que envolve as mudanças biológicas (crescer e amadurecer), enquanto a aprendizagem é como as crianças aprendem coisas novas ao longo do processo de desenvolvimento.

Dessa maneira, é importante destacar que, no início do processo de alfabetização e desenvolvimento da escrita, as crianças enfrentam dificuldades em conectar letras e sílabas aos seus sons. Ao longo de suas pesquisas, Ferreiro e Teberosky (1999) comprovaram a existência de níveis conceituais linguísticos no desenvolvimento infantil, evidenciando que a criança constrói hipóteses sobre o sistema de escrita. A partir desses estudos, as autoras organizaram sequencialmente os diferentes níveis de conceitualização da escrita, sendo eles: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

O nível pré-silábico se trata da fase inicial da alfabetização. Nesse estágio, a criança já distingue escrita de desenho, mas ainda não estabelece relação entre a escrita e a pronúncia das palavras. Suas produções incluem rabiscos, pseudoletras e a mistura de letras e números, buscando imitar a forma social da escrita. A leitura ocorre de maneira global, sem análise das partes que compõem a palavra (Silva e Farago, 2016).

A criança formula hipóteses, como a necessidade de uma quantidade mínima e variada de letras para escrever uma palavra, além de acreditar que a dimensão da palavra corresponde ao tamanho do objeto representado, fenômeno denominado realismo nominal, ou seja, elas expressam as ideias com desenhos, rabiscos ou letras aleatórias, acreditando que a dimensão da representação gráfica reflete a dimensão da palavra, como por exemplo: A palavra “formiga” deve ser menor que a palavra “boi”, pois o animal (boi) é maior e mais pesado. Nesse nível, as crianças acreditam também que, dentre as palavras e entre as palavras, os rabiscos são os mesmos para todas, que possuem a mesma quantidade (Ferreiro e Teberosky, 1999).

A superação dessas concepções acontece quando a criança compreende que a escrita representa o nome do objeto e não o objeto em si, reconhecendo a estabilidade das palavras. Esse conflito cognitivo possibilita o avanço para o nível silábico, no qual a criança passa a relacionar cada sílaba a uma letra ou grafia, iniciando a correspondência entre fala e escrita (Silva e Farago, 2016).

No nível silábico, a criança constrói a hipótese de que cada sílaba corresponde a um único registro gráfico, isto é, a criança inventa a chamada escrita silábica, utilizando uma

letra ou grafia para representar cada sílaba, ou seja, ela percebe o som na escrita, mas acredita que cada sílaba é representada por uma única letra, geralmente uma vogal, por exemplo: "batata" como "AAA". Essas letras podem ser vogais, consoantes ou até sinais gráficos, desde que mantenham a relação de "uma letra para cada sílaba" (Ferreiro e Teberosky, 1999).

Por fim, as autoras Ferreiro e Teberosky destacam que esse estágio é fundamental, ao permitir à criança descobrir a lógica da escrita, percebendo gradualmente a correspondência entre a representação escrita das palavras e suas propriedades sonoras, possibilitando a transição para níveis mais avançados da alfabetização.

No nível silábico-alfabético, a criança entende que as sílabas podem ter mais de uma letra, mas não necessariamente todas as letras. Nesta fase, ela começa a usar consoantes e vogais, mas troca as mesmas letras de uma palavra para formar outras, por exemplo, a palavra "CASA", a criança escreve "SAAC" para dizer que aquele nome é "BOLA". Este nível contribui para o fortalecimento da relação entre fonemas e grafemas no processo de construção da lógica do sistema alfabético ((Ferreiro e Teberosky, 1999).

Já no nível alfabético, como etapa final do desenvolvimento da escrita infantil, a criança passa a analisar sistematicamente os fonemas das palavras que deseja escrever. Ela entende o funcionamento do sistema convencional de escrita e a correspondência entre fonemas e grafemas, percebendo que cada sílaba pode ser representada por uma ou mais letras. No entanto, apesar desse avanço, surgem novos desafios, como o uso correto da segmentação das palavras, da ortografia, das letras maiúsculas e minúsculas e da acentuação (Ferreiro e Teberosky, 1999).

A consolidação da base alfabética ocorre a partir do conflito entre a escrita silábica, em que faltam letras, e a escrita padrão, em que parecem sobrar letras. Assim, mesmo já alfabetizada, a criança ainda tende a escrever de forma fonética, registrando os sons conforme são pronunciados, sem dominar plenamente as normas ortográficas e a segmentação adequada das palavras na frase (Silva e Farago, 2016).

Por fim, Magda Soares (2004) argumenta que, para um processo de alfabetização eficaz, é imprescindível a implementação do letramento, considerando o contexto da criança, para que ela possa desenvolver sua capacidade de usar a leitura e a escrita no seu cotidiano adequadamente. Para a autora, a alfabetização é conceituada como o domínio do sistema alfabético e ortográfico, ou seja, pessoas alfabetizadas são aquelas que sabem ler e escrever, mas para ela essa alfabetização só tem sentido quando é atribuída ao contexto social da leitura e da escrita, já o letramento, seu desenvolvimento dependem da aprendizagem da escrita.

Dessa forma, Soares (2004) defende a importância do conceito de alfabetizar-letrando, pois para ela um deve complementar o outro, concluindo que a leitura do mundo deve ir além da simples decodificação de códigos linguísticos, é preciso implicar e estimular o pensamento crítico e social das crianças no seu processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo evidencia que embora a alfabetização e o letramento sejam processos distintos, eles se entrelaçam e se complementam. A alfabetização, entendida como domínio do sistema alfabético e da ortografia, para obter um sentido mais amplo, precisa de caracterizações do letramento, como práticas de leitura e escrita. Da mesma forma é o letramento, que necessita do processo de alfabetização para se constituir. Estes processos se revelam como pilares fundamentais tanto para o desenvolvimento integral do sujeito quanto para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem.

A partir das concepções teóricas mencionadas nesta pesquisa e da análise do livro *A Importância do Ato de Ler (1982),* de Paulo Freire, evidencia-se assim, que a alfabetização e o letramento, não se limitam apenas a conhecimentos técnicos, mas também instrumentos que integram na dimensão social e crítica. Em sua obra, ao propor que alfabetizar é também ensinar a "ler o mundo", Freire destaca a importância de uma educação transformadora que desperte o pensamento crítico e a autonomia intelectual dos educandos. Logo, esses processos, são fatores essenciais para promover uma educação crítica que seja capaz de formar sujeitos que interpretem de forma consciente e reflexiva o seu contexto, promovendo desse modo, a integração e inclusão social.

Conclui-se, sob está perspectiva, que a alfabetizar e letrar, não se restringe a códigos linguísticos, mas implica em instigar no educando uma postura participativa e reflexiva, sobre a realidade que está inserido. Tais processos, ampliam a compreensão e formam sujeitos capazes de participar ativamente de práticas sociais e políticas, possibilitando o educando questionar criticamente seu contexto, participar ativamente da construção social e, desse modo, exercer sua cidadania de forma mais autônoma e consciente. Mais do que habilidades técnicas, alfabetização e letramento configuram-se como instrumentos de cidadania

REFERÊNCIAS:

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. Porto Alegre, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERRACIOLI, Laércio. **Aspectos da construção do conhecimento e da aprendizagem na obra de Piaget**. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v. 16, n. 2, p. 180-194, 1999.

SHIMAZAKI, E. M.; CÁRNIO, M. S. **Letramento e alfabetização das pessoas com deficiência intelectual.** Revista Teoria e Prática da Educação, v. 14, n. 1, p. 143-151, jan./abr. 2011.

SILVA, Franciele Adriana da. **Psicogênese da língua escrita: contribuições e equívocos.** 2016.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.